



Educação: Políticas, Estrutura e Organização 4

Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

**Educação: Políticas, Estrutura e
Organização**
4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : políticas, estrutura e organização 4 /
Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2019. – (Educação: Políticas, Estrutura e
Organização; v. 4)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-305-7

DOI 10.22533/at.ed.057190304

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Currículo
escolar – Brasil. 3. Educação – Pesquisa – Brasil. 4. Políticas
educacionais. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação: Políticas, Estrutura e Organização – Parte 4” traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação.

A educação é uma atividade que se expressa de formas distintas, envolvendo processos que tem consequências nos alunos, possui métodos que precisam ser compreendidos; envolve o que se pretende, o que se transmite, os efeitos obtidos, agentes e elementos que determinam a atividade e o conteúdo (forças sociais, instituição escolar, ambiente e clima pedagógico, professores, materiais e outros) (SACRISTÁN, 2007).

O conceito de educação é inseparável do ente subjetivo que lhe dão atributos diferenciados. A educação é algo plural que não se dá de uma única forma, nem provém de um único modelo; ela não acontece apenas na escola, e às vezes a escola nem sempre é o melhor lugar para que ela ocorra. A escola deve estar pronta para atender a diversidade cultural, conduzindo a aceitação e o respeito pelo outro e pela diferença, pois se valoriza a ideia de que existem maneiras diversas de se ensinar e conseqüentemente diferentes formas de organização na escola, onde seja levado em consideração a complexidade da criação de um currículo que atenda o desafio de incorporar extensivamente o conhecimento acumulado pela herança cultural sem perder a densidade do processo de construção do conhecimento em cada indivíduo singular.

A escolaridade faz parte da realidade social e é uma dimensão essencial para caracterizar o passado, o presente e o futuro das sociedades, dos povos, dos países, das culturas e dos indivíduos. É assim que a escolarização se constitui em um projeto humanizador que reflete a perspectiva do progresso dos seres humanos e da sociedade.

Em uma escola democrática não há barreiras educacionais, eliminam-se a formação de grupos com base na capacidade dos alunos, provas preconceituosas e outras iniciativas que tantas vezes impedem o acesso e permanências de todos na escola, proporcionando um ensino de qualidade para todos, sem exclusão.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AS MARCAS DOS PARADIGMAS EDUCACIONAIS E AS TEORIAS DA APRENDIZAGEM EM UMA PRÁTICA DE ENSINO PROFISSIONAL	
Calinca Jordânia Pergher Lucas Billo Dias Thamille Pereira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.0571903041	
CAPÍTULO 2	11
AS ORIENTAÇÕES TÉCNICAS QUE NORMATIZAM SERVIÇOS DE ACOLHIMENTO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM MEDIDA PROTETIVA NO BRASIL E O DIREITO À EDUCAÇÃO DOS/AS ACOLHIDOS/AS	
Daiane Lins da Silva Firino	
DOI 10.22533/at.ed.0571903042	
CAPÍTULO 3	23
AS POLÍTICAS DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL, DIDÁTICA E GESTÃO DEMOCRÁTICA NO COTIDIANO ESCOLAR	
Valdir Avelino de Paiva Luandson Luis da Silva Joel Nunes de Farias Elaine Cristina Meireles Silva Marizete Soares de Oliveira Santos Hosana Souza de Farias Aldair Viana Silva de Alcaniz	
DOI 10.22533/at.ed.0571903043	
CAPÍTULO 4	32
AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS E A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NAS CONCEPÇÕES NEOLIBERAIS	
Luandson Luis da Silva Joel Nunes de Farias Valdir Avelino de Paiva Elaine Cristina Meireles Silva Aldair Viana Silva de Alcaniz Marizete Soares de Oliveira Santos Hosana Souza de Farias	
DOI 10.22533/at.ed.0571903044	
CAPÍTULO 5	42
AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS E A EDUCAÇÃO PARTICIPATIVA UMA VISÃO DA ESCOLA CONTEMPORÂNEA	
Isis Nalba Albuquerque Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.0571903045	

CAPÍTULO 6	49
AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA EDUCAÇÃO COMO METODOLOGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM, NA ALFABETIZAÇÃO INFANTIL: O USO DO APLICATIVO “SILABANDO”, COMO RECURSO DIDÁTICO	
Mariana Oliveira de Oliveira Adriano Miranda dos Santos André Luiz Andrade Rezende Cíntia Damasceno Farias	
DOI 10.22533/at.ed.0571903046	
CAPÍTULO 7	64
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: UMA ANÁLISE SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS	
Andreia Valeriano Figueredo Leandro Edilene Cristiano de Figueredo Valeriano Giovani Mendonça Lunardi Eliane Pozzebon	
DOI 10.22533/at.ed.0571903047	
CAPÍTULO 8	73
ATIVIDADES AQUÁTICAS E SEUS BENEFÍCIOS PARA CRIANÇAS COM AUTISMO: REVISÃO SISTEMÁTICA	
Weslley Alex da Silva Dionísio Mylli Ketwilly Ferreira dos Santos Amanda Aparecida de Lima Adriano Florêncio da Silva Pedro Lucena de Paula Carolina Lourenço Reis Quedas Dayana da Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0571903048	
CAPÍTULO 9	85
ATIVIDADES RECREATIVAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA	
Evandro Jorge Souza Ribeiro Cabo Verde Lionela da Silva Corrêa Francianne Farias dos Santos João Otacilio Libardoni dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.0571903049	
CAPÍTULO 10	97
AULAS PRÁTICAS COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM NOS CONTEÚDOS DE DENSIDADE E MISTURAS	
João Victor Odilon da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05719030410	
CAPÍTULO 11	104
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ONLINE UTILIZADA EM AULAS PRESENCIAIS	
Daniela Veiga de Oliveira Najla Fouad Saghie Tiago Nascimento de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.05719030411	

CAPÍTULO 12 113

AVALIAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO SOBRE “LIXO” E “RESÍDUO” EM UMA ESCOLA DE REFERÊNCIA DA CIDADE DE VERTENTES/PE

Euarda do Nascimento Serra Sêca
Paloma Lourenço Silveira de Araújo
Juliana Thais da Silva Amaral
Ana Paula Freitas da Silva

DOI 10.22533/at.ed.05719030412

CAPÍTULO 13 124

AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO CONTINUADA NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Cláudia Costa dos Santos
Camyla Silva da Costa
Ronaldo dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.05719030413

CAPÍTULO 14 134

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DO ENSINO PÚBLICO ESTADUAL DE MATO GROSSO (ADEPE), UMA EXPERIÊNCIA INICIAL

Gresiel Ramos de Carvalho Souza

DOI 10.22533/at.ed.05719030414

CAPÍTULO 15 143

AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DE ESCOLARES DOS ANOS FINAIS SOBRE A COLETA SELETIVA DE LIXO

Tamiris Alves Rocha
Dayane de Melo Barros
Marllyn Marques da Silva
Cristiane Maria da Conceição
Gilvania Luana da Rocha Silva Neves
Gerliny Bezerra de Oliveira
Jardielle de Lemos Silva
Danielle Feijó de Moura

DOI 10.22533/at.ed.05719030415

CAPÍTULO 16 149

AVALIAÇÃO ESCOLAR EM GRUPOS INTERATIVOS: UM ESTUDO TEÓRICO DE PRÁTICAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS NOS ÚLTIMOS ANOS

José dos Santos Ferreira
Leonardo Alcântara Alves

DOI 10.22533/at.ed.05719030416

CAPÍTULO 17 162

AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL: O QUE DIZEM OS GESTORES DAS ESCOLAS PÚBLICAS COM OS MELHORES RESULTADOS NO MUNICÍPIO DE CORURUPE/ALAGOAS

Jucicleide Gomes Acioli

DOI 10.22533/at.ed.05719030417

CAPÍTULO 18	173
AVALIAÇÃO, REPETÊNCIA E JUÍZO PROFESSORAL: UM DIÁLOGO QUALI-QUANTI	
Maria de Lourdes Sá Earp Glauco da Silva Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.05719030418	
CAPÍTULO 19	188
AVALIAÇÃO: PARA QUE TE QUERO? UM OLHAR VOLTADO PARA ALÉM DO EDUCAR E CUIDAR	
Aline Dias Nascimento Rita de Cássia M. O. André	
DOI 10.22533/at.ed.05719030419	
CAPÍTULO 20	197
BIOMASSA DE BANANA VERDE: CONSTRUÇÃO DE UMA CARTILHA EDUCATIVA COMO FERRAMENTA DE APOIO AO PRODUTOR RURAL	
Bárbara Jardim Mariano Suzete Maria Micas Jardim Albieri	
DOI 10.22533/at.ed.05719030420	
CAPÍTULO 21	202
BIOTECNOLOGIA: UTILIZAÇÃO DE MICRORGANISMOS PARA O PROCESSO DE BIORREMEDIAÇÃO EM AMBIENTES CONTAMINADOS - PERSPECTIVAS TECNOLÓGICAS	
Emília Mendes da Silva Santos Isabela Regina Alvares da Silva Lira Ariosto Afonso de Moraes Adriene Siqueira de Melo Maria Gracielly Lacerda de Abrantes	
DOI 10.22533/at.ed.05719030421	
CAPÍTULO 22	208
BRASIL – MOÇAMBIQUE, AFIRMANDO SINERGIA E RECONSTRUINDO IDENTIDADES PELA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO INTERNACIONAL ENTRE A UFRN E A UNIVERSIDADE PEDAGÓGICA DE MOÇAMBIQUE	
Marília do Vale Góis Pacheco Medeiros Adir Luiz Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.05719030422	
CAPÍTULO 23	219
BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E SUA EVOLUÇÃO ATÉ A EAD	
Joel Nunes de Farias Luandson Luis da Silva Valdir Avelino de Paiva Hosana Souza de Farias Elaine Cristina Meireles Silva Aldair Viana Silva de Alcaniz Marizete Soares de Oliveira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.05719030423	

CAPÍTULO 24	231
CAMINHOS DA HISTÓRIA 2.0: UMA PROPOSTA DE USO DE JOGOS DIGITAIS NA SALA DE AULA	
Adriano Miranda dos Santos André Luiz Andrade Rezende Cíntia Damasceno Farias Mariana Oliveira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.05719030424	
CAPÍTULO 25	240
CANTO DE MURO: UMA ABORDAGEM DE INVESTIGAÇÃO ZOOLOGICA NA OBRA DE CÂMARA CASCUDO	
Bruno de Paiva Rêgo Elineí Araújo-de-Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.05719030425	
CAPÍTULO 26	251
CARACTERIZAÇÃO DA INTELIGÊNCIA LÓGICO-MATEMÁTICA DOS ALUNOS DO IFRN <i>CAMPUS-MACAU</i>	
Marfisa Hyanchelle Cortez Costa Josivan Bonifácio Rocha de Almeida Micleydson Batista dos Santos João Batista Gomes Moreira Liliane Ribeiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05719030426	
CAPÍTULO 27	264
CASAS GAYS E FAMÍLIAS TRADICIONAIS: CONCEPÇÕES HISTÓRICO-EDUCATIVAS E DISCURSOS EXCLUDENTES	
Robson José de Oliveira Brito	
DOI 10.22533/at.ed.05719030427	
CAPÍTULO 28	273
COLEÇÕES BIOLÓGICAS: ALTERNATIVA PARA A CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DE BOTÂNICA	
Nadja Larice Simão de Lacerda Rivete Silva Lima	
DOI 10.22533/at.ed.05719030428	
CAPÍTULO 29	280
COMO SUPERAR AS DIFICULDADES DO ENSINO DE FÍSICA CONTEMPORÂNEO POR MEIO DE MÉTODOS DIFERENCIADOS	
Daiane Maria Medeiros da Silva Hérika Rafaella Soares da Silva Ana Maria Torres da Silva Regiane Marta Cassimiro de Farias Lidiane Maria Omena Silva Leão	
DOI 10.22533/at.ed.05719030429	

CAPÍTULO 30 287

COMPARAÇÃO ENTRE AS PROVAS DO ENADE 2005 E 2008 DO GRUPO I:
COMPOSIÇÃO DAS HABILIDADES PELA TEORIA C.H.C

[Andreia Silva da Mata](#)

DOI 10.22533/at.ed.05719030430

CAPÍTULO 31 297

CONFRONTANDO AVALIAÇÕES SOB UMA VISÃO MULTICULTURAL:
EXPANDINDO PRÁTICAS QUE ELEVAM O CONHECIMENTO, NÃO QUE O
BLOQUEIAM

[Aldnir Farias da Silva Leão](#)

DOI 10.22533/at.ed.05719030431

SOBRE A ORGANIZADORA..... 304

BRASIL – MOÇAMBIQUE, AFIRMANDO SINERGIA E RECONSTRUINDO IDENTIDADES PELA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO INTERNACIONAL ENTRE A UFRN E A UNIVERSIDADE PEDAGÓGICA DE MOÇAMBIQUE

Marília do Vale Góis Pacheco Medeiros

UFRN

Natal-RN

Adir Luiz Ferreira

UFRN

Natal-RN

RESUMO: por reconhecermos o caráter sensível e fundamental da extensão universitária no seu papel social, ético, científico e educativo como função da Universidade, desejamos difundir a experiência pioneira de internacionalização da extensão na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pela ação “Trilhas Potiguares Brasil-Moçambique”, realizada entre os dias 30 de outubro e 03 de novembro de 2017, em Moçambique, na África, numa parceria entre a UFRN e a Universidade Pedagógica de Moçambique (UP), delegação Maxixe. Temos, portanto, como objetivo deste texto refletir sobre o papel pedagógico dessa experiência na construção de uma ação afirmativa, ressaltando seu peso para o engajamento dos partícipes em suas ações acadêmicas, profissionais, e sociais. Além de um relato das ações desenvolvidas, acrescentamos uma entrevista semiestruturada com alguns dos seus integrantes, buscando saber, na opinião deles, o que havia sido mais marcante e o que foi transformador. Ficou claro o papel educativo que a UFRN e a UP,

delegação Maxixe, assumiram na expedição Trilhas Brasil-Moçambique. Percebemos que as universidades, ao proporcionarem com essa viagem uma experiência inovadora aos professores e estudantes, acabaram realizando objetivos da Educação Superior, algumas vezes vistos como “utópicos” e também realizando uma ação afirmativa. Por fim, surgiu uma nova perspectiva de fazer extensão universitária na UP, bem como na UFRN, vinda do aprendizado cooperativo de uns com os outros, edificando um futuro que ainda não está dado, mas que é criado por eles próprios.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão Universitária. Extensão Internacional. Ação Afirmativa.

“Deixa passar o meu povo...” (Noémia de Souza, poetisa moçambicana).

Ao promover o ensino, a pesquisa e a extensão, a Universidade busca cumprir de forma integral com o esperado para a Educação Superior (ES), de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Nessa tríade, porém, não há uma equivalência de prestígio social entre elas, estando a extensão muitas vezes à margem da valorização e do reconhecimento de seu papel nos processos de ensino-aprendizagem no ambiente universitário.

Apesar disso, a extensão assume um papel ímpar e indispensável no alcance de finalidades essenciais da ES, as quais estão firmadas no Art. 43 da LDB nos incisos I, IV, V, VI, VII e VIII (BRASIL, p. 32-33, 2017), como o estímulo à criação cultural e ao desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; a promoção e a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem o patrimônio da humanidade, através de diversas formas de comunicação; o reforço do desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional; o estímulo ao conhecimento dos problemas do mundo presente, em especial os nacionais e regionais e à prestação de serviços especializados à comunidade numa relação de reciprocidade; a própria promoção da extensão aberta à população visando à difusão das conquistas e benefícios provenientes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica; e a atuação em favor da universalização e aprimoramento da educação básica mediante atividades de extensão universitária que aproximem os dois níveis escolares.

Por reconhecer, portanto, esse caráter sensível e fundamental da extensão universitária no papel social, ético, científico e educativo da Universidade, é que desejamos difundir através deste texto a experiência pioneira de internacionalização da extensão na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pela ação “Trilhas Potiguares Brasil-Moçambique”, a qual foi realizada entre os dias 30 de outubro e 03 de novembro de 2017, em Maxixe, Moçambique.

Nessa experiência tão vasta e rica, optamos por um recorte de aspectos educacionais ligados à vivência da experiência como uma ação afirmativa. Objetivamos, portanto, através da experiência pioneira de extensão internacional da UFRN, refletir sobre o papel pedagógico da experiência na construção de uma ação afirmativa, ressaltando seu peso para o engajamento dos indivíduos em suas ações acadêmicas, profissionais, e sociais. Ao fazermos essas escolhas, compreendemos que a extensão pode integrar-se em um princípio de aprendizagem (SÍVERES, 2013) e que ações afirmativas estão ligadas à superação de desigualdades (GOMES, 2010), sejam num plano mais abrangente ou mais restrito e até mesmo individual.

No tocante à extensão, ela é vista, até mesmo em documentos apoiados pela Unesco, como um elemento inerente ao projeto institucional universitário e como possibilidade de aprendizagem (SÍVERES et al., 2013). Essa possibilidade é especialmente única, pois é na extensão que as experiências “[...] transbordam a estrutura cronológica e possibilitam tempos alternativos de aprendizagem” (SÍVERES et al., p. 29, 2013), considerando “[...] as comunidades locais, as organizações sociais ou as regiões culturais como lugares alternativos, complementares e amplificadores [desse] processo de aprendizagem” (SÍVERES et al., p. 29-30, 2013). Síveres et al. (2013) ainda apontam que as vivências da extensão abrem portas para construção de conhecimentos mais criativos e inovadores, mais humanos e conectados com a realidade do mundo em suas complexidades.

Nesse sentido, a atividade de extensão universitária internacional desenvolvida

numa parceria entre a UFRN e a Universidade Pedagógica de Moçambique (UP) - delegação de Maxixe, em escolas de Educação Básica moçambicanas, assume uma dimensão grandiosa e profunda, por seu marco histórico na UFRN e pelo contato entre povos cujas culturas estão marcadas pelas histórias que se misturam, desde o período colonial no séc. XVI e a trágica herança da escravidão, pela ancestralidade e pela identificação étnica, cultural e humana.

Assumindo as contradições e conflitos dessa história controversa entre o continente africano e a América portuguesa, com o conhecimento crítico atual perante tudo isso, apresentaremos um breve relato da experiência e traremos falas de professores, estudantes e coordenadores dessa atividade, para discuti-la.

TRILHANDO AS EXPERIÊNCIAS INTERCULTURAIS

Nesta seção relataremos brevemente as atividades realizadas no Trilhas Brasil-Moçambique, refletindo um pouco sobre nossas impressões e apresentaremos a estrutura da entrevista que fizemos com alguns participantes. Utilizaremos os seus nomes reais (com autorização) a fim de poder registrar, as pessoas que tornaram realidade o sonho da internacionalização da extensão universitária na UFRN e na UP Unidade Maxixe.

O ponto de partida das experiências e dos encontros do Trilhas Brasil-Moçambique firmou-se ainda com os membros da equipe de 30 trilheiros, brasileiros e moçambicanos, em seus respectivos continentes, fazendo reuniões de planejamento através de videoconferências. Entretanto, apenas depois de horas de voo dos brasileiros e cerca de 10h de estrada num “machimbombo” (ônibus) entre a capital Maputo e a cidade de Maxixe, localizada na província de Inhambane, é que pudemos dar início às atividades previstas.

Ao longo da estrada observamos diferentes paisagens e importantes características naturais e sociais as quais eram distintas e particulares com relação às brasileiras, mas, ao mesmo tempo, muito semelhantes. A sensação de identificação, apesar de se tratar de outro continente, era praticamente unânime entre nós brasileiros.

Ao todo, éramos 30 trilheiros: brasileiros, moçambicanos e um espanhol. Do Brasil foram 12 estudantes, coordenados pela professora Eriama Hackradt – coordenadora adjunta do programa Trilhas Potiguares – e pelo professor Fransualdo Azevedo. Do lado moçambicano, foram 15 trilheiros, 9 estudantes e 6 professores, coordenados pelos professores Joaquim Chitata e Alberto Matte. O espanhol que nos acompanhava era o professor Marti Boneta I Carrera, do Consejería de Educación de la Generalitat de Catalunya. Ele foi um dos palestrantes da Conferência Internacional sobre Personalismo, realizada pela UP Maxixe, ao fim da semana de atividades do Trilhas. Entretanto, o professor Marti acompanhou todas as atividades da extensão e foi um trilheiro junto conosco.

No primeiro dia de atividades externas, na segunda feira 30 de outubro de

2017, fomos para o distrito de Inharrime, onde, de fato, desenvolvemos as atividades em área urbana e rural. Nesse primeiro dia tivemos um momento de conversa com os líderes comunitários, sobre temas por eles demandados, como a prevenção da malária, o suicídio e os desastres ambientais. Para o início dessas conversas, o prefeito do distrito fez-se presente, com forte autoridade na comunidade, e falou da importância dessas ações para o desenvolvimento local, apostando na presença brasileira e no trabalho conjunto para o progresso e desenvolvimento regional. Uma emissora nacional de televisão fazia a cobertura do evento enquanto as autoridades falavam, o que evidenciou ainda mais a importância da realização do Trilhas naquela localidade. Na finalização dos encontros com as lideranças comunitárias e distritais, com a apresentação de danças e músicas, na mistura das duas culturas, vivenciamos momentos informais tão importantes e formativos quanto os formais.

As demais atividades com a comunidade externa foram desenvolvidas em três escolas, duas em área urbana e uma na rural. Na primeira em que fomos, o público de alunos era de adolescentes e realizamos com eles atividades nas áreas de lazer, esporte, cultura e saúde. Já com os professores, fizemos conversas formativas buscando conhecer a realidade do trabalho desenvolvido, para que pudessemos pensar nas diferentes alternativas de melhoria e potencialização das atividades docentes a partir de trocas de conhecimentos teóricos e práticos. A segunda escola que visitamos, apesar de ser um estabelecimento público, era gerida por uma instituição religiosa, com caráter filantrópico, fazendo do seu espaço também um internato para crianças órfãs e economicamente muito carentes. Lá nos relacionamos com um crianças mais novas e, além das atividades já desenvolvidas na escola anterior, realizamos leituras, contação de histórias e brincadeiras típicas com grupos de crianças. A última escola visitada foi na zona rural, na comunidade chamada Chacane, onde, para além das ações planejadas, vivenciamos um momento muito marcante para todos os integrantes, de apreciação e participação de uma apresentação cultural de música e dança de um grupo típico regional, *Ngaranga e Timbila*. Nessa escola, em especial, nas conversas formativas com os professores vimos que esses se preocupavam com as estratégias de relacionamento da escola com a família e com a comunidade, discutindo as dificuldades das famílias apoiarem a escolarização das crianças em detrimento do trabalho.

As últimas atividades das quais nós trilheiros participamos foram as da Conferência Internacional sobre Personalismo, realizada na UP unidade Maxixe, com a finalidade de discutir o personalismo na perspectiva pluridimensional, pensando, a partir de diversos tópicos, a humanização da ciência em prol do desenvolvimento integral da pessoa. A conferência contava com participantes de diversos países e entre os palestrantes estavam presente personalidades como o professor e filósofo camaronês Fabien Eboussi Boulaga e a escritora moçambicana Paulina Chiziane.

Diante de toda essa experiência, a fim de enriquecer o seu entendimento, fizemos uma breve entrevista semiestruturada com alguns participantes, com apenas duas

questões: 1) *qual aspecto foi mais marcante, ou quais aspectos foram mais marcantes ao longo da experiência do Trilhas Brasil Moçambique?*; 2) *ao voltar para “a vida real”, você avalia que essa experiência do Trilhas internacional te transformou de alguma forma, seja no âmbito profissional, acadêmico, social, pessoal? Se sim, como?*

Entrevistamos seis participantes: o Pró-reitor adjunto de extensão da UFRN; os coordenadores brasileiros e moçambicanos e duas estudantes, uma brasileira e outra moçambicana.

O MUNDO TRANSFORMADO A PARTIR DO OLHAR

Pensar os resultados da experiência do Trilhas Brasil-Moçambique é exercício que exige de nós plena consciência de nossa limitação espacial e temporal para perceber os efeitos que essa ação pode gerar. Afinal os maiores resultados das ações de extensão são melhores vistos a longo prazo, nas transformações de vida daqueles que participaram das ações e foram profundamente marcados por elas.

Não obstante, as marcas do contato entre Brasil e Moçambique, a partir da extensão universitária, não foram apenas inéditas na vida daqueles que experienciaram a ação, mas também foram descobertas. A sensação de difícil explicação racional por não nos sentirmos num lugar estrangeiro ou tão distante quanto a localização geográfica nos faria acreditar que seria, pode ser marcada (a partir de uma perspectiva da teoria de Merleau-Ponty) pela historicidade dos nossos corpos (NÓBREGA, 2010). Afinal, “A experiência do corpo configura um conhecimento sensível sobre o mundo” (NÓBREGA, 2010, p. 8) e esse conhecimento, não diferente dos demais, é construído numa dialética existencial junto ao outro. E o outro que em muito nos formou, que fortemente está na nossa (brasileira) ancestralidade e no nosso (moçambicano e brasileiro) imaginário é o outro negro e africano, o outro brasileiro e além mar. Como, portanto, não nos reconhecemos se somos fruto de nossa história, de outros corpos brasileiros e moçambicanos, ativos e imaginantes?

Assim, entre o útil e o significativo, entre as diferentes experiências anteriores individuais e a percepção do Trilhas Brasil-Moçambique, ficou evidente para nós, que nesse meio ambiente universitário de estudo e aprendizagem, cujas fronteiras foram completamente ultrapassadas, “[...] os processos sociais e individuais se misturam, entram em interação e se transformam” (PAIVANDI, 2014, p. 41).

Nessa lógica, quando esses pólos ora antagônicos, ora amistosos, aproximam-se cada vez mais, constrói-se, segundo Freire (1997), o diálogo. E é exatamente no diálogo que o educando e o educador abrigam-se na ação educativa, educando e sendo educado, mutuamente, expressando no dialogar o amor ao mundo e aos seres humanos, o que é pressuposto ao diálogo (FREIRE, 1983).

Ainda sob esse prisma, é possível pensarmos o diálogo como elemento necessário à construção democrática, cidadã e ética de diferenças e responsabilidades coletivas. Ao buscarmos o diálogo através do intercâmbio, ambas universidades fizeram o Trilhas

Brasil-Moçambique ser uma ação afirmativa, tendo em vista que esta buscou a “[...] superação de desigualdades que atingem historicamente [um determinado grupo social], a saber: negros” (GOMES, 2010, p. 20), considerando que essa desigualdade não acontece apenas no Brasil e reverbera mesmo numa população majoritariamente negra, como a moçambicana.

Percebemos que nesse sentido, os ideais e estereótipos confrontados, isto é, os mútuos olhares, do que é o povo moçambicano para os brasileiros e do que é o povo brasileiro para os moçambicanos, puderam ser revisitados e, de alguma forma, modificados. As identidades sociais, apesar de serem muito fortes, “As ciências sociais têm demonstrado que não existem identidades sociais fixas, atemporais. Toda identidade é construída social e historicamente” (SANTOS, 2010, p. 35).

Sendo assim, olhar o mar pisando na terra onde habitavam seres humanos livres, ao invés de pensar na terra onde esses seres humanos saíram escravizados; observar a dor das marcas eternas que a escravidão deixou; sentir a carga de esperança posta em nós, vindos de além-mar, para a construção de um mundo melhor; enxergar a força da mulher para a edificação de um país e de um povo e, ao mesmo tempo, perceber estruturas profundas e fortemente alicerçadas de machismo no mundo; conhecer arranjos políticos cujos poderes são mais incisivos e visíveis do que conhecemos em nosso país; ver relações de trabalho e fenômenos de comunicação que se constituem como ilustrações das forças geopolíticas da globalização; e, especialmente, vivenciar a alegria e a gana de um povo tão subestimado pela história contada em nossa escolarização, mas que tem tanto a ensinar, seja na fé, na cultura, nas artes ou na ciência, foi uma experiência educacional com limites inimagináveis em sua extensão. E o que os estudantes e professores viveram e compreenderam é inseparável de como eles viveram, compreenderam e organizaram no ato de aprender (PAIVANDI, 2014).

Tendo tudo isso em vista, ficou claro o papel educativo que a UFRN e a UP, delegação Maxixe, assumiram na expedição Trilhas Brasil-Moçambique. As universidades construíram um espaço de formação de cidadãos do Brasil, de Moçambique e do mundo; educando pessoas.

Nessa perspectiva, notamos que os trilheiros construíram juntos sementes e fizeram-se sementes do saber e da transformação social. Afinal, os seres humanos se humanizam e se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 1983; 1997). E, exatamente por isso, avaliamos ser importante ouvir a voz dos sujeitos participantes da experiência, que cremos terem sido marcados e transformados por essa vivência coletiva.

Relembraremos as questões feitas aos entrevistados antes de apresentar os seus resultados e analisá-los: 1) qual aspecto foi mais marcante, ou quais aspectos foram mais marcantes ao longo da experiência do Trilhas Brasil Moçambique? 2) Ao voltar para “a vida real”, você avalia que essa experiência do Trilhas internacional te transformou de alguma forma, seja no âmbito profissional, acadêmico, social, pessoal?

Se sim, como?

Para Breno Cabral, pró-reitor de extensão da UFRN, dentre os aspectos mais marcantes está a possibilidade de oferecer aos alunos da UFRN a vivência numa cultura completamente diferente (entendendo cultura no seu sentido mais amplo possível) e oferecer, a partir de nossa cultura, novas possibilidades aos moçambicanos. Sendo assim, é marcante para Breno:

[...] o que a gente conseguiu levar pra eles de possibilidades de vislumbrar um futuro diferente, de conseguirem entender que o mundo pode ser melhor pra eles em termos de construção, de evolução, de evolução de país, de evolução das cidade, de evolução profissional. (BRENO CABRAL)

Nesse sentido, Breno acredita que todos aqueles que passaram pela vivência, especialmente os estudantes, voltaram efetivamente transformados, e isso o toca e gera nele uma grande satisfação. Não obstante, de modo mais particular, Breno aponta que sua visão de mundo transformou-se no tocante à forma de encarar as dificuldades.

[...] muitas vezes a gente reclama dos obstáculos e não para pra pensar que existem pessoas que fazem tanto com obstáculos tão maiores. (BRENO CABRAL)

Como pró-reitor e coordenador geral do programa Trilhas Potiguares, Breno ainda aponta transformações substanciais na forma de pensar e organizar o programa, a partir da experiência em Moçambique.

[...] é focar nisso: não só levar ações prontas, mas tentar fazer as pessoas perceberem que elas podem sair daquela inércia em que estão colocadas, da situação em que estão colocadas. Esse vai ser um ponto fundamental, assim, pro Trilhas daqui pra frente. (BRENO CABRAL)

Para Erima Hackradt, coordenadora adjunta do programa Trilhas Potiguares e coordenadora das ações em Moçambique, a interação entre os países, estudantes e professores de diferentes culturas foi o aspecto mais marcante de toda a experiência. E no que diz respeito ao efeito transformador da experiência ela afirma:

Pra mim serviu como renovação da vida, foi uma experiência [...] única, passamos a ver a vida de outra forma e ter um olhar com mais respeito ao outro e saber que somos pessoas felizes. (ERIAMA HACKRADT)

Para Fransualdo Azevedo, professor precursor da parceria entre as universidades, dentre os aspectos que mais marcaram estão, a coesão e o entrosamento do grupo de trilheiros moçambicanos e brasileiros, professores e alunos; a receptividade e o esforço de acolhimento da UP delegação Maxixe com todos os brasileiros; a própria relação com as comunidades, com as escolas, de intensa troca e interação; e a relevância da

proposta do projeto em si.

[...] em algumas comunidades, pela primeira vez a universidade se fez presente ali, pela primeira vez a Universidade esteve ali, pela primeira vez a Universidade buscou saber quem são aquelas pessoas, como elas vivem, como estudam, como elas trabalham, como elas celebram, como elas cantam, como elas dançam, como elas constroem a vida, como elas constroem os territórios. (FRANSUALDO AZEVEDO)

A respeito das transformações vividas a partir do Trilhas Brasil-Moçambique, Fransualdo, por acreditar que o ser humano está em constante transformação, avalia que a experiência foi mais um passo na sua história de crescimento e melhoria pessoal: *uma dose a mais de sensibilidade, uma dose a mais de experiência, uma dose a mais de humanismo. É uma melhoria a mais na condição de humano que sou (Fransualdo Azevedo).*

Para o professor Alberto Matte, coordenador das ações do Trilhas na UP delegação Maxixe, o aspecto mais marcante foi vivenciado no momento de uma apresentação cultural na escola de uma comunidade rural chamada Chacane.

Aquele foi um momento bastante significativo, porque eu percebi que, de facto, as artes, a cultura não têm limitações fronteiriças e podem mesmo tocar o fundo da alma, mesmo para uma pessoa que não pertença à mesma cultura. (ALBERTO MATTE)

Depois da execução do Trilhas Brasil-Moçambique, Alberto Matte acredita ter mudado, especialmente o seu olhar para as questões sociais.

A experiência do Trilhas transformou, praticamente, toda a minha vida. A forma como eu encaro hoje as pessoas que estão numa condição social desfavorecida e que têm todo tipo de limitação não é mais a mesma, porque uma coisa é saber que existem pessoas pobres, pessoas que passam dificuldades, a outra coisa é conviver com essas pessoas e perceber que essas pessoas têm vontade de superar as dificuldades. (ALBERTO MATTE)

Nesse sentido, o coordenador crê que a experiência prática do Trilhas pode alimentar mais a esperança das pessoas no amanhã. E isso se reflete, até mesmo, em suas perspectivas.

A experiência do Trilhas só reforçou este meu sentimento de preocupação com as questões sociais. Isso ampliou mais o meu senso de preocupação, de participação social e nasce uma necessidade de uma maior intervenção para além daquilo que eu vinha fazendo, claro. (ALBERTO MATTE)

Para o professor Joaquim Chitata, que coordenou o Trilhas em Moçambique junto ao Alberto Matte, os expoentes dos aspectos marcantes da experiência estão na relação entre os professores e alunos, completamente fora da lógica de rígidas

hierarquias; no intercâmbio cultural e o contato com outros professores e estudantes; e na postura aberta a ensinar e aprender, de muitos trilheiros. Segundo suas palavras, acreditava que *tenha tido alguma transformação principalmente porque, bom, estive em contacto com pessoas, estudantes, professores, de outro canto do mundo* (Joaquim Chitata).

Observando a perspectiva dos estudantes, conversamos com duas alunas, uma brasileira e outra moçambicana, sobre as mesmas questões. Para Daisy Sotero, estudante de Farmácia, os aspectos mais marcantes foram o contato com uma criança específica, da segunda escola que visitamos, com quem, segundo ela, pode conhecer “uma curiosidade, uma esperança e uma vontade enorme de vencer”. Também foi marcante para ela a experiência em Xai-Xai, um pequeno distrito da região, que considerou como *um povo muito acolhedor humilde, que nos inspiraram a fazer um trabalho ainda melhor*. Assim, ela interpretou que não apenas durante o processo a experiência era motivadora e transformadora, mas também entende que tudo o que viveu reverbera até hoje em seu dia a dia e ainda aponta novas perspectivas.

As experiências me tornaram uma pessoa melhor, e me fizeram ver mais ainda como vale a pena lutar por uma causa e pelo bem comum. Me fez sentir útil, feliz e ainda mais realizada em minha vida. O trilhas tornou-se para mim um testemunho, que por onde passo tento deixar marcas através de histórias e momentos vivenciados. (DAISY SOTERO)

A fim de finalizar a exposição das falas e partirmos para uma breve análise geral, trazemos a voz da Suneila Novela, estudante do curso de Letras Inglês da UP delegação Maxixe. Para Suneila, os aspectos mais marcantes foram a própria essência da atividade e o seu forte caráter de intercâmbio cultural; a ida à primeira escola, onde começaram as atividades; e a vivência de Chacane, onde através da apresentação artística de música e dança pudemos viver momentos de intensa emoção.

Suneila entende que as atividades e ações formais do Trilhas acabaram, mas que o Trilhas não acabou. Ela avalia que muitas coisas se transformaram a partir dessa experiência.

O Trilhas mudou não só na forma como as pessoas passaram a me ver, mas pela forma como eu mesma passei a me ver. Eu me senti uma pessoa muito importante pra sociedade, porque que tenho essa capacidade, eu senti que eu tenho essa capacidade de ensinar alguém. (SUNEILA NOVELA)

Diante, então, desses depoimentos, percebemos uma comum valorização dos momentos de socialização durante toda a experiência do Trilhas Brasil-Moçambique. E, nesse sentido, também percebemos que como ação afirmativa a vivência internacional foi muito genuína, uma vez que um grupo historicamente desigual pôde ser sujeito histórico de uma ação transformadora.

Pudemos ver nas falas dos entrevistados mudanças de perspectiva sobre o

mundo e sobre si, anseios de aperfeiçoamento e ampliação do engajamento social, seja no âmbito pessoal ou institucional, todas essas coisas inebriadas pela força motriz de renovação, de ressocialização e de reconstrução coletiva do mundo que vem das relações entre seres humanos; como já nos indicaram Freire (1983; 1997).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante todas as experiências e falas, diante de todos os significados, temos plena consciência das limitações deste trabalho. Não obstante, sabemos também que o tempo é pequeno para vermos resultados mais concretos e que este esforço de escrita é válido, necessário e elemento de compromisso com as universidades, com as comunidades e com as pessoas.

Enxergamos que o papel do Trilhas Brasil-Moçambique foi singular na construção de uma ação afirmativa engajada e inovadora; impulsionando ainda o engajamento das pessoas na participação social, seja na Universidade ou fora dela.

Percebemos que a UFRN e a UP, delegação Maxixe, ao proporcionarem essa viagem e experiência aos professores e estudantes, acabavam por proporcionar a esses uma construção e formação integral humana, e assim realizavam aqueles objetivos da universidade, como instituição, algumas vezes vistos como “utópicos”. Por fim, perceber a construção de uma nova forma de fazer extensão universitária na UP, bem como na UFRN, mesmo depois de 21 anos do programa Trilhas Potiguares, foi perceber o trabalho de seres humanos aprendendo uns com os outros, edificando um futuro que ainda não está dado, mas que é criado por eles próprios.

Um futuro que hoje é traçado em parceria com a terra de um povo que em muito contribuiu para a construção do Brasil. Um futuro construído com mais igualdade, com mais solidariedade, identidade e paz. Um singular e imensurável gesto que a educação e as ações das universidades podem fazer pela constante construção de uma identidade humana.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 57^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. Papel da educação na humanização. *Revista da FAEEBA*, Salvador. Jan.-jun., 1997 (p. 9-17).

NÓBREGA, T.P. da. **Merleau-Ponty**: o filósofo, o corpo e o mundo de toda a gente! Disponível em: <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/129.pdf> Acesso em: 04/08/2010.

PAIVANDI, Saeed. A relação com o aprender na universidade e o ambiente de estudos. *Educação em Questão*, Natal, v. 48, n. 34, p. 39-64, jan./abr., 2014.

SÍVERES, Luiz et al (Org.). **A Extensão universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. 272 p. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002320/232083por.pdf>. Acesso em: 16/03/2018.

SOBRE A ORGANIZADORA

Gabriella Rossetti Ferreira

- Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).
- Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.
- Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.
- Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-305-7

